

# Professora busca relacionar pandemia à Língua Inglesa no ensino de seus alunos

Por João Oliveira

Novas maneiras de ensinar vêm sendo um dos maiores desafios para os professores que frente à pandemia de coronavírus precisam encontrar formas mais atraentes para prender a atenção dos alunos e, deste modo, continuar mantendo-os motivados a aprender, seja qual for o assunto. Pensando nisso, a professora de Língua Inglesa, Ana Carolina Bonacini (a professora Carol), organizou uma sequência didática apresentando conteúdos de Língua Inglesa, relacionando-os à pandemia da Covid-19. "Quando fomos comunicados de que iniciariamos o atendimento emergencial remoto aos nossos alunos, comecei a pensar em como abordaria o conteúdo da disciplina de Língua Inglesa observando o fato de que eles realizariam as tarefas sem o professor por perto, recebendo instruções via WhatsApp, e com poucos recursos de pesquisa. Foi então que resolvi elaborar uma

sequência didática apresentando conteúdos relacionados à Língua Inglesa e a pandemia de Coronavírus, propondo desdobrar o novo mundo que começava a se manifestar naquele momento, com textos de diferentes veículos de comunicação, assuntos relativos ao contexto e temáticas que surgiriam durante o isolamento social, alinhada à orientação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)", conta.

Conforme a professora, observando o nível de cada turma, ela se debruçou sobre seu computador e começou a pesquisar questões que colaborariam com esse trabalho. "A primeira atividade das turmas de 6º ano foi relacionar imagens representando as orientações iniciais da Organização Mundial de Saúde (OMS) ao combate ao coronavírus e as instruções em inglês, já que o último assunto estudado em sala de aula foi como aprender a fazer solicitações e receber comandos em Língua Inglesa".

Para a turma do 7º ano,



A professora Carol Bonacini é graduada em Letras - Português/Inglês e suas respectivas literaturas, com especialização em Estudos Linguísticos e Literários. Atualmente leciona Língua Inglesa na Rede Municipal de Educação de São Sebastião do Paraíso

Carol propôs a criação de um cartaz motivacional encorajando

do às pessoas a enfrentarem a pandemia, assim como o governo britânico fez no início da Segunda Guerra Mundial com o slogan "Keep Calm and Carry On". "O resultado foi bem legal. Algo que me chamou a atenção foi o número de palavras de Língua Inglesa que ganharam popularidade em virtude da pandemia de Covid-19. Sendo assim, a primeira tarefa das turmas de 8º e 9º anos foi entender a definição da palavra "Lock-down", em português, e como ela se configurava como medida preventiva".

A partir daí, a professora conta que começou a debater com seus alunos sobre o uso de outras palavras de Língua Inglesa no nosso cotidiano.

"Conversamos sobre a palavra 'delivery', sobre a quantidade de 'lives' que estão sendo realizadas e cantamos e dançamos a música 'Don't Start Now', da Dua Lipa, que ficou muito conhecida por causa das coreografias da Manu Gavassi, no Big Brother Brasil 2020. Também analisamos 'memes' e os nomes dos movimentos que emergiram com os protestos antirracistas (como o 'Black Lives Matter', e o '#blackout-tuesday')", sugerindo uma reflexão sobre essa pauta".

Ana Carolina explica que, levando em consideração literaturas pertinentes ao momento atual, ela propôs aos seus alunos a leitura da obra "O Diário de Anne Frank", a fim de

promover reflexões. "Anne, uma adolescente, assim como meus alunos, escreveu em seu diário toda a tensão que sua família sofreu durante a Segunda Guerra Mundial. Além de sua história, apresentei trechos de seu diário, em inglês, sugerindo exercícios de leitura, interpretação de texto e vocabulário sobre partes da casa, para as turmas de 8º e 9º anos. Como uma proposta interdisciplinar entre Língua Portuguesa e Língua Inglesa, sugeri que eles produzissem seus próprios diários também".

Carol conta que procurou utilizar vários recursos para promover a aprendizagem de uma forma mais dinâmica. Dessa forma, além do material impresso com todas as orientações para a resolução das atividades, apresentou endereços eletrônicos para assistir a vídeos, jogos, acessar dicionários online, entre outros. Para seus alunos portadores de necessidades especiais, ela buscou realizar as mesmas sequências didáticas das atividades elaboradas para os alunos regulares, observando as adaptações necessárias para o rendimento de cada um deles.

"Aprender e valorizar a Língua Portuguesa é muito importante porque ela é a nossa maior identidade como cidadãos brasileiros, mas, considerando o mundo globalizado onde vivemos, entre outros tantos fatores, estudar uma língua estrangeira, no caso, a Língua Inglesa, abre portas para 'olhares fora da caixa', amplia a noção de ser indivíduo em um universo coletivo e diversificado e de apropriação do conhecimento como forma de liberdade do pensar e do agir", finaliza.

## Valorização ao produtor rural: Soluções do Sicredi cooperam com desenvolvimento da agricultura familiar

A Sicredi das Culturas RS/MG tem sua origem no campo, com a formação de caixas rurais que buscavam dar condições aos agricultores para que pudessem seguir na atividade rural. Atualmente, com a evolução dos serviços, das linhas de crédito e da própria sociedade, a instituição financeira cooperativa, além de auxiliar a manter e a custear as atividades, também oportuniza o crescimento e desenvolvimento das propriedades rurais nas comunidades em que está presente. Entre as soluções financeiras, está o apoio à agricultura familiar, com o auxílio nas despesas do ciclo produtivo e nos investimentos nas propriedades.

O associado do Sicredi em São Sebastião do Paraíso, Wellington Marcos Soares de Sousa, conheceu a cooperativa em reunião realizada no mês de março, na Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário. Na oportunidade, a Sicredi das Culturas RS/MG realizou a apresentação de seus produtos e serviços e modelo de atuação para grupo de agricultores. "Recebi o convite para conhecer a agência e estou muito feliz por ter aberto uma conta, com ótimo atendimento e a parceria em uma instituição financeira que acredita e está junto comigo em meus projetos", ressalta Wellington.

O produtor rural trabalha nas feiras agropecuárias do município, com a venda de frutas e verduras. Para impulsionar sua atividade, adquiriu junto à cooperativa a Máquina de



Equipe do Sicredi junto ao associado

Cartões Sicredi, para oferecer mais uma opção de pagamento aos seus clientes. Conforme explica a gerente da agência do Sicredi em São Sebastião do Paraíso, Patrícia Cristina Prante Machado, "a máquina de cartões é mais uma solução do Sicredi para auxiliar na gestão e organização da rotina de quem possui um negócio. Como benefícios podemos destacar o controle das vendas realizadas de maneira mais eficiente, conveniência para os clientes, taxas mais acessíveis, redução da inadimplência, maior segurança, aceitação das principais bandeiras do mercado e gestão do fluxo de caixa".

Wellington revela que em função da pandemia causada pelo Coronavírus, está trabalhando menos na feira, e que

além da máquina de cartões também conta com a parceria do Sicredi para desenvolver outro empreendimento. O produtor rural também realizou o financiamento de aquisição de um Distribuidor de Fertilizantes via BNDES Mais Alimentos. "Esta parceria está sendo muito importante, destacando a agilidade e a menor burocracia, bem como os juros baixos para realizar o financiamento", complementa o agricultor.

Em São Sebastião do Paraíso, a agência do Sicredi está localizada na Rua Pimenta de Pádua, número 1464. Mais informações sobre a instituição financeira cooperativa podem ser obtidas através do telefone (35) 3539 7600 ou pelo Whats App (51) 3358 4770.

(por Vanessa Gol Wender Heusner)

**Eletrônica Digital Rad Fran**  
Eletrônicos

Novas instalações para melhor atendê-lo!  
**VENDAS E ASSISTÊNCIA TÉCNICA**  
(35) 3558-1697 / 9-88026759  
Av. Monsenhor Mancini, 1.095/1.105 - São Sebastião do Paraíso - MG

## 30 ANOS COLÉGIO CRESCER

01



O Começo...

11/06/1990, foi fundada a escola Hotelzinho Nenê & Cia., para atender a crianças de 4 meses até 3 anos.

02



Fundamental I

As crianças cresceram um pouquinho; e, então passamos a atender até a Pré-Escola: de 4 meses até 6 anos. A partir daí, passou a chamar Escola Criança & Cia.. Logo em seguida, iniciou-se o Ensino Fundamental I. Mudança de endereço: da Av. Monsenhor Mancini para o atual.

03



Fundamental II

Em 2008, tornamo-nos Colégio Crescer, estendendo para o Ensino Fundamental II; pois, não era possível desapegar dos alunos que estavam conosco desde o

04



30 Anos

E neste ano de 2020, no dia 11 de Junho, completamos 30 anos dedicados à educação, ao acolhimento e à formação

colgiocrescersp  
colgiocrescersp  
(35) 3531-4197  
(35) 99906-4197  
colgiocrescersp.com.br



# ANDREZA DE CÁSSIA:

## Em uma busca por espaço e respeito

Arquivo Pessoal

A busca diária por respeito e espaço em uma sociedade que privilegia uns em detrimento de outros, é o que vem fazendo a pedagoga Andreza de Cássia Pereira Paschoa desde a mais tenra idade, quando ainda não entendia o racismo e nem como ele funcionava. Assim como outras pessoas negras, Andreza já enfrentou diversas situações de discriminação, desde olhares desconfiados ao entrar em uma loja a ditos pejorativos que reforçavam a cor de sua pele e o seu cabelo. Ela entende que não existem direitos iguais, e que as pessoas também não são tratadas de forma igualitária, e que se deve lutar incansavelmente para que isto mude e o mundo se torne um lugar melhor. As diferenças existem, mas elas devem mostrar a pluralidade que é o ser humano, e não ser usadas como posição de poder. Nessa perspectiva, a pedagoga, mãe e esposa, entende que discriminação alguma deve ser aceita e, tão pouco, deve-se baixar a cabeça para isto. Filha de Felipe Pereira Neto (já falecido) e Maria Antônia David Pereira, casada com Lázaro Paschoa, e mãe dos pequenos Brenno Paschoa e Leandro Emmanuel, Andreza aceita o convite do Jornal do Sudoeste onde fala sobre sua trajetória, sempre marcada por muito luta e desejo de ir cada vez mais longe.



Andreza é professora nas séries iniciais e também administra uma página no Instagram intitulada "Influencer Negra"

*Ela por Ela*

Por João Oliveira

**Jornal do Sudoeste: Como foi sua criação? Quais lembranças têm da infância e o que mais a marcou nesta época?**

**A.C.P.P.:** Cresci cercada de amor. Meu irmão e eu ficávamos na casa da minha avó Placidina, para que meus pais pudessem trabalhar, brincávamos com nossos primos e alguns vizinhos próximos à casa da minha avó. Era tanta diversão, uma época tão boa. Minha avó Placidina, sempre ajudou na nossa educação é nossa segunda mãe. Tenho como lembrança que me marcou profundamente, os bolos que minha mãe fazia para cantarmos parabéns na casa da minha avó, era algo simples, mas, feito com tanto amor. A ansiedade era grande para que nosso aniversário chegasse, a festa valia mais do que qualquer presente.

**Jornal do Sudoeste: Onde estudou? Que papel a Educação teve na sua vida?**

**A.C.P.P.:** Estudei em três escolas: fiz o pré-escolar no Pingo de Gente, hoje a escola já não existe, depois fui para a Escola Campos do Amaral onde cursei do 1º ao 4º ano e do 5º ao 3º ano do ensino médio estudei na escola Clóvis Salgado. Sempre fui muito falante (risos), mas sempre tirava notas boas, sempre gostei de estudar. Através dos estudos eu comecei a sonhar e a planejar um futuro.

**Jornal do Sudoeste: Você é professora das séries iniciais. Conte-nos um pouco da sua formação, e por que quis ser professora...**

**A.C.P.P.:** Sou formada em Pedagogia. Ser pedagoga já estava no sangue, minha avó costumava dizer que quando eu crescesse seria professora, porque eu ficava sempre ensinando alguma coisa aos outros. Tenho um amor imenso por ensinar, principalmente as turmas de educação infantil, para as quais leciono atualmente. Essa fase é repleta de descobertas e é muito bom fazer parte deste processo.

**Jornal do Sudoeste: Como foi a construção da sua carreira? Conte-nos**

**um pouco da sua atuação...**

Sou formada há 10 anos, estudei na Faculdade Calafiori. Um ano após concluir a faculdade, consegui o primeiro emprego na minha área, por não ter experiência infelizmente foi complicado conseguir o primeiro emprego como professora. Meu maior sonho era trabalhar na prefeitura, minha mãe era funcionária e trabalhava como merendeira na creche e sempre me incentivou, que eu deveria tentar crescer profissionalmente e trabalhar na prefeitura seria uma ótima oportunidade. Em 2013 consegui uma vaga na prefeitura através de um processo seletivo, anos depois passei no concurso e em 2017 chegou a tão sonhada e almejada efetivação. Estou na prefeitura há seis anos!

**Jornal do Sudoeste: Atualmente, há um debate muito grande sobre a importância de se falar sobre racismo. Como foi sua vivência sendo uma mulher negra? Já foi alvo do racismo? Conte-nos um pouco suas experiências.**

**A.C.P.P.:** Já sim, infelizmente. Já fui mal recebida em lojas aqui na cidade e ficou bem evidente que era por conta da cor da pele. Já sentia o racismo na pele muito antes de entender o que ele significava. Quando criança, quantas palavras ruins ouvi sobre o meu cabelo, entre elas que era "ruim", cabelo de Bombril. Relaxei e alisei meu cabelo por anos para tentar me enquadrar num padrão de sociedade que me era apresentado. Falavam e riam do meu nariz e boca, da minha cor. Lembro uma vez que uma amiga chegou e disse: Meu pai disse para eu não tomar muito café, senão vou ficar da mesma cor que você. Na hora fiquei triste, mas só fui compreender o sentido alguns anos depois. Outra frase que marcou muito: "Você nunca vai ser alguém na vida, vai ser uma mulher preta sem futuro".

**Jornal do Sudoeste: Que impacto o movimento "Todas as vidas negras importam" teve para você e para sua família?**

**A.C.P.P.:** Os acontecimentos dos últimos dias mexeram muito com a gente. Eu particularmente fiquei muito abalada, muitas vidas negras estão sendo perdidas violentamente. Onde estão as leis que tantos dizem que servem para todos? A igualdade, não dizem que todos somos iguais? Onde está? Esses questionamentos têm feito parte dos nossos dias. Quantos negros ainda precisam morrer para que entendam que essas vidas têm importância?

**Jornal do Sudoeste: Você é mãe. Como é essa experiência e como você lida com o diálogo sobre racismo com seus filhos?**

**A.C.P.P.:** Ser mãe é tão bom, minha maior felicidade está em ver meus filhos bem. Sempre sento-me com eles para conversar e nesse momento com tantos acontecimentos nosso diálogo tem sido ainda maior. Sempre tentando orientar como reagir em determinadas situações. Não é fácil, imagina você ter que explicar para seus filhos que um homem foi morto por ser negro ou que outras crianças foram mortas por conta da sua cor da pele. Isso dói.

**Jornal do Sudoeste: Além de mãe, você é professora. Costuma conversar com seus alunos sobre essas questões sociais?**

**A.C.P.P.:** Esses temas são abordados de maneira lúdica, através de rodas de conversas onde trabalho com eles valores. A importância do respeito ao outro, o amor ao próximo e a importância da vida.

**Jornal do Sudoeste: Qual a importância da Educação no enfrenta-**

### Quantos negros ainda precisam morrer para que entendam que essas vidas têm importância?

**mento a qualquer tipo de discriminação?**

**A.C.P.P.:** A criança não nasce discriminando o próximo, tudo gira em torno do ambiente em que ela vive. O trabalho tem que começar desde os pequenos, afinal as crianças de hoje serão os adultos de amanhã. É difícil mudar um adulto que já internalizou e aprendeu a discriminar o outro. Aquilo que lhes for ensinado de maneira errada será levado pela vida, a educação deve e pode contribuir para a construção de um ser humano melhor. Ainda tenho esperança de termos um futuro diferente da realidade em que temos vivido atualmente.

**Jornal do Sudoeste: Você se define como "empoderada". Conte-nos sobre isso.**

**A.C.P.P.:** O meu empoderamento está na forma de usar em ser aquilo que quero ser, sinto que vivo num processo de transformação interno. Passei a me sentir livre depois que assumi meu cabelo natural, brinco que existe a Andreza antes e depois do cabelo black! Foi uma conquista pessoal que veio de dentro, assumi ser quem eu realmente sou, deixei de ser escrava dos padrões de beleza impostos pela sociedade. Me sinto livre.

**Jornal do Sudoeste: Sobre seu Instagram. Sempre teve essa relação com a moda?**

**A.C.P.P.:** Não, comecei a postar meus looks em agosto de 2019. Fiz alguns desafios pessoais e em novembro iniciei mais um, 200 looks sem comprar. Esse desafio foi o mais ousado, ainda estou no look 135/200. Em abril desse ano perdi minha conta do Instagram e quase desisti desse desafio, por sorte havia marcado em aplicativo os números dos looks, o que ajudou a dar continuidade. Terminando esse quero iniciar outro, já estou pesquisando novas ideias.

**Jornal do Sudoeste: Qual a mensagem que você deixa para todas as pessoas que passaram por algum tipo de discriminação...**

**A.C.P.P.:** Litem para que outras pessoas não passem pelo o que a gente passou. Não abaixem a cabeça, porque é isso que esperam de nós. Ainda temos muito a conquistar e não podemos jamais deixar de lutar pelo respeito e por nossos direitos.

**Jornal do Sudoeste: De toda sua jornada, qual foi o momento mais difícil e qual foi o momento de maior felicidade que já passou?**

**A.C.P.P.:** O mais difícil foi quando perdi meu pai em maio de 2018, tenho nítida a lembrança de nosso último encontro, um alegre almoço de domingo. Foi um imenso baque. Uma das minhas maiores felicidades foi o nascimento dos meus filhos e depois ter conseguido passar no concurso público da prefeitura.

**Jornal do Sudoeste: O que a Andreza de hoje diria para a Andreza da infância?**

**A.C.P.P.:** A vida lá na frente não será tão fácil, você terá que abrir mão de algumas coisas e batalhar muito por outras. Muita gente não vai acreditar que você é capaz, irão tentar te impedir de todas as formas, irão te olhar torto e rir de você. Mas, apesar de tudo isso não se esqueça, você é capaz de brilhar por qualquer lugar que passar, a sua luz vem de dentro, a bondade e amor que moram em você irão resplandecer. Erga sua cabeça e vá sem medo, o mundo é seu e muitas pessoas ainda precisam de você.

**Jornal do Sudoeste: Qual o balanço que você faz de toda sua trajetória?**

**A.C.P.P.:** Sou grata, por todo carinho que meus pais tiveram comigo. As cobranças para que eu fosse alguém melhor, a alegria de saber que sempre fui motivo de orgulho para eles. Sinto-me realizada com algumas conquistas pessoais, mas sei que ainda tenho muito a conquistar. Dificuldades sempre irão surgir, mas com Deus à frente de tudo e com boa vontade não tenho o que temer. A vida tem me proporcionado grandes aprendizados, que têm contribuído muito para o meu amadurecimento e crescimento pessoal.

**RG EVENTOS** (35)   
**Assessoria e Cerimonial** 98803.1853  
rgeventosac@gmail.com

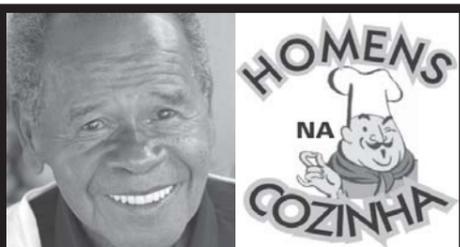


### JANTAR EM RECEPÇÃO

Definido o menu das entradas, e ilhas de degustação, o próximo passo é a escolha do jantar. Ao oferecer entradas e ilhas com itens mais "pesados", pode-se optar por um jantar mais leve ou até um festival de caldos dependendo do clima. O mais usual e que deixa o cardápio completo para atender todos os paladares, é servir um ou dois tipos de arroz, uma carne vermelha, uma carne branca, uma massa, e uma guarnição que complete. A massa pode ser sem carne e feita de sêmola, lembrando dos convidados vegetarianos. A escolha das carnes tende a ser feita levando em conta o custo além do paladar da maioria dos convidados. O cuidado de não servir dois molhos parecidos em pratos diferentes é uma boa dica. Se usar molho vermelho em uma carne, pode optar por um molho branco para a massa. É bom que tudo esteja identificado, principalmente em atenção aos convidados com alguma alergia alimentar. A degustação prévia, ajudará nesta escolha, tendo especial atenção a algum prato pedido e que ainda não faça parte das sugestões do buffet contratado. O jantar deve estar o tempo todo na temperatura correta para cada prato sendo necessário o uso de rechaud apropriado (cubas com fogareiro) e profissional para reposição dos mesmos. Servir apenas massas (macarrão ao vivo) pode ser uma boa opção tendo o cuidado de escolher os ingredientes complementares bem variados e profissionais suficientes para o pronto atendimento ao convidado. O tempo em que o jantar estará disponível deve ser contratado com antecedência. Caso seja retirado antes do término da festa, uma opção é servir um lanchinho de saída, ou um caldo desde que combine com o perfil do evento e clima.

Momentos inesquecíveis requerem cuidados especiais...

Conte com nossos serviços para o sucesso de seu evento.  
**RG Eventos Assessoria e Cerimonial**



### RECEITAS DO GUARI Galinha ao molho pardo

#### INGREDIENTES

- 1 galinha bem gorda (viva),
- 3 dentes de alho amassados
- 1 cebola grande cortada em cubos
- 1 molho de salsinhas
- 2 tomates grandes, em cubos para refogar
- 1 limão espremido em xícara de chá.

#### MODO DE PREPARAR

Preparar o molho de palha para sapecar a galinha. Para abater pegue uma faca bem afiada e corte bem perto do bico da galinha. Retirar o sangue e o colocar junto ao caldo de limão, para não coalhar. Após o abate coloque a galinha em água bem quente para em seguida ser depenada e sapecada com o fogo da palha para queimar as penugens. Em seguida corte em pedaços nas juntas. Separe e refogue com os temperos (alho, cebola, tomates) em panela de ferro (de preferência). Após serem refogados despeje o sangue. Servir com arroz branco, ervilha junto com o molho mais o sangue para que fique molho pardo, bastante salsinha e cebolinhas. Bom apetite.



**ACEITAMOS ENCOMENDAS DE**  
PÃES - BOLOS - TORTAS - SALGADOS - PÃES DE QUEIJO  
**3531- 6133**  
Av.: Monsenhor Mancini, 434 - São Sebastião do Paraíso - M.G



**Sebastião Tadeu Ribeiro**, funcionário municipal aposentado, atuante e combativo colaborador no Jornal do Sudoeste, recebe cumprimentos nesta segunda (15/6) por mais um ano de vida.



A educadora **Marília Souza Neves**, membro efetivo da Academia Paraisense de Cultura, assessora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação, muda de idade domingo, dia 14.



### ANIVERSARIANTES

**Sábado, dia 13** Toninho Piccirilo, Claudineia Duarte, Elias Fagundes, Marilene Silva.

**Domingo, dia 14** Sebastião Lázaro de Souza, Michele Migliorato Aguiar.

**Dia 15**, Cleone de Oliveira L. Assunção, Stella Maris Carnevalle. Em São Tomás de Aquino, Silval Aparecido de Melo, em Belo Horizonte a aquinense Célia Maria Braia.

**Dia 16**, Marcos Vinícius Aloise, Edna Prieto, em Belo Horizonte Marcio Mariano Junior.

**Dia 17**, Marcos Dinalli, Dalmi Ferreira, Manoel Silva, João Carlos Amaral Cauduro. Em São Tomás de Aquino Antonio Carlos da Silva, e em Brasília a paraisense Maria Gorete Soares.

**Dia 18**, a empresária Giedre Brigagão Alcântara Martins, a psicóloga Josimara Neves, a fisioterapeuta Maria Cândida Martins Galdino, Oswaldo Pereira, Elisa de Pádua Maia Rosa.

**Dia 19**, Pâmela Migliorato Corsi, a musicista e professora de música, Tina Moraes, o advogado Dr. Márcio Caldas, João Vitor Braghini Furin, Adriano Félix.

## Momento de reflexão

A situação ainda está sob controle, mas até quando? Se não nos mobilizarmos perderemos o controle. A cooperação de todos com todos se completando assegura melhor futuro. Mergulhamos em uma crise sem precedente, cuide-se, fique vivo.

É uma nova fase na história da humanidade, o desamor e a falta de consciência coletiva nos conduzem ao pior. Tudo que o tornou possível esta nas ruas a desafiá-lo, atitudes irresponsáveis dão margem ao crescente numero de contágio e mortes. Sinta a gravidade dos seus atos!

O vazio existencial provoca a desumanização, difícil entender a visão de realidade no coração de algumas pessoas. Homens e mulheres no mundo todo testemunharam a existência e persistência do desconhecido vírus. A crise atual leva a uma visão mais humanitária, você é útil quando faz alguma coisa em benefício de alguém, mude o comportamento.

Não permita que o sonho de um novo amanhecer se transforme em pesadelo, a decisão é sua, mas as conse-

quências são divididas. O vírus tem um poder nunca imaginado. Idosos sentem a vida por um fio. Porém se comparado aos desafios que enfrentamos para chegar até aqui a conclusão é sempre a mesma, somos mais capazes do que imaginamos.

Pense positivo mantenha viva a esperança de viver e amar. Desafios são para ser vencidos não para nos vencer. Assista programas e filmes criativos, inovadores, que transmitam harmonia e paz. Sorria para a vida que lhe sorri a cada instante, no final ficará o aprendizado.

Com certeza será lembrado nas próximas décadas não pela agressividade do vírus e sim pela nossa capacidade de enfrentar e superar desafios. Tudo que cuidamos dura mais. Em nossas reflexões, o processo de mudanças mostra possibilidades com a qual todo ser humano sonha realizar. O mundo não é mau, as pessoas é que o fazemos parecer misterioso e hostil.

LAÉRCIO FELÍCIO DA SILVA  
- membro da Academia Paraisense de Cultura.

**Paulo Artes**  
Adesivos  
Banners  
Calendários  
Cardápios  
Revistas  
Cartão de Visita  
Cartazes p/ eventos  
Crachás / Painéis  
Digitalização de Livros  
Fachadas de Lojas  
Flyers / Panfletos  
Ímãs de geladeira  
Impressos em geral  
Luminoso

Paulo Terloni  
(35) 9 9953 6406

**5ª CAMPANHA**  
Ao aproximar-se do inverno, todos os anos realizamos a campanha "SOLIDÁRIA" CAFÉ COM LEITE E VOCÊ. Quer nos ajudar nessa campanha? Em prol do Asilo São Vicente de Paulo. Doe um Café ou um Leite

**SUPERMERCADO GP**  
Av. Zezé Amaral, nº 331  
Cristo Rei - Tel.: (35) 3558 4600  
CAMPANHA DIAS 20 e 21/06/2020

**SUPERMERCADO TONIN Loja 1**  
Rua Pimenta de Pádua, nº 1571  
Centro - Tel.: (35) 3531 1845  
CAMPANHA DIAS 11 e 12/07/2020

**SUPERMERCADO TONIN Loja 2**  
Av. Ângelo Calafiori, nº 550  
Mocoquinha- Tel.: (35) 3531 2718  
CAMPANHA DIA 25/07/2020

Contato:  
Tel.: (35) 3531-2718  
E-mail: asilossp@gmail.com  
Responsável: Luiz Carlos

**ÓTICA IMPERATRIZ**  
A perfeição de sua visão

Praça da Fonte, 34 - Centro  
São Sebastião do Paraíso - MG  
Telefone: (35) 3531-7636

**JOSÉ EDITIS DAVID**  
OAB-32-921/MG

**SEBASTIÃO GERALDO DE PÁDUA**  
OAB-87.410/MG

**FLÁVIA INÊZ DE SOUZA PÁDUA**  
OAB-121.764/MG

**ADVOGADOS**

RUA JOSÉ OSÍAS DE SILLOS, 561 - F  
JARDIM MORADA DO SOL  
TELEFAX: (35) 3531-2013 E (35) 3558-1724  
josedite@uol.com.br - sebastiaoepadua@adv.oabmg.org.br

# Vidas Negras Importam: movimento reacende debate racial e reafirma necessidade de falar sobre racismo

Por João Oliveira

Nas últimas semanas o movimento "Vidas Negras Importam", que ganhou o mundo após o assassinato de George Floyd ser morto por sufocamento por um policial branco em uma abordagem nos Estados Unidos, reacendeu o debate sobre o racismo e a importância da discussão para o combate da prática que, como saldo, tem tirado inúmeras vidas negras diariamente.

No Brasil, vidas como a do adolescente João Pedro Motta, de 14 anos, que morreu após ser baleado no complexo de favelas do Salgueiro, em São Gonçalo, e do pequeno Miguel Otávio, de cinco, morto ao cair de um prédio de luxo após a patroa de sua mãe se recusar a cuidar da criança, são exemplos de como o país de racismo opera, ora velado, ora explicitamente, questões estas reforçadas pelo último censo realizado pelo IBGE, que traduziu em números a desigualdade racial no Brasil.

Antes de tudo, para entendermos como se deu a construção do racismo estrutural no Brasil e a atual conjuntura envolvendo o movimento "Vidas Negras Importam", convidamos a historiadora Ana Júlia Soares Borges, e especialista em Ensino de Humanidades, para explicar a contextualização histórica sobre o assunto. Também ouvimos estudantes e profissionais que contaram um pouco de suas experiências com o racismo ao longo da vida.

A historiadora explica que o racismo no Brasil deve ser entendido enquanto uma construção histórica que tem fortes raízes na colonização portuguesa, porém, resistiu até os dias atuais revelando uma face da sociedade brasileira que demonstra o quanto afro-brasileiros são, ainda nos dias atuais, submetidos a processos preconceituosos.

"A colonização portuguesa em terras brasileiras teve início no século XVI e uma de suas características principais foi a escravização de nativos africanos que foram trazidos de maneira compulsória para o trabalho, principalmente na agricultura e na mineração. O cotidiano dos cativos foi marcado pela violência como forma de manutenção da estrutura escravagista, porém engana-se quem pensa que não houve atos de resistência nesse período", conta.

De acordo com Ana Júlia, esse cenário começa a modificar-se a partir do século XVIII, quando a Inglaterra, principal parceiro comercial luso-brasileiro, se posiciona de forma contrária à escravidão e institui leis como a "Bill Aberdeen" que permitia a marinha britânica atuar diretamente no combate ao tráfico negro. Já a partir de 1850, a nação brasileira dá início a implementação de leis para que o fim da escravidão se dê de forma gradual.

"Após a promulgação de leis como a 'Lei Eusébio de Queiroz', 'Lei do Ventre Livre' e a 'Lei do Sexagenário' em 1850, 1871 e 1888, respectivamente, a abolição veio com a 'Lei Áurea' no ano de 1888. Assinada pela Princesa Isabel, a Lei Áurea, ao contrário do que diz o senso comum, não foi fruto da generosidade da princesa e sim de uma luta de anos de diferentes grupos da sociedade brasileira, que

juntos formavam o movimento abolicionista, sem também esquecer da grande pressão inglesa pelo fim do trabalho escravo brasileiro", aponta a historiadora.

Ana Júlia destaca que apesar da notícia da abolição ter sido recebida com festa por parte da população e pelos cativos, ao longo do tempo questões começaram a surgir, principalmente sobre o acesso à terra e educação. Essas populações, conforme explica, continuaram marginalizadas e sem condições para que ascendessem socialmente. "Aos afro-brasileiros foi negada a contribuição para a construção da identidade nacional até meados da década de 1920. Em 1933 o pernambucano Gilberto Freyre publica Casa Grande & Senzala, obra que revolucionou as Ciências Humanas no país ao analisar as relações estabelecidas pelas três raças (negro, índio e branco). Freyre traz em sua obra uma ideia de relação cordial entre os povos que compunham o Brasil, assim, corroborando com a ideia de uma democracia racial que coloca independente de raça e etnia todos os brasileiros em pé de igualdade", destaca.

Ainda, segundo a historiadora, a caminhada de luta do Movimento Negro brasileiro ainda passa pela Constituição de 1988 e a luta pelo direito de inclusão e educação que pode ser exemplificado pela lei de número 10.639/2003 incorporada à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e tornou obrigatório o ensino da História e Cultura afro-brasileira nas escolas ofertantes dos ensinos fundamental e médio, e a Lei 12.711/2012 conhecida como Lei de Cotas.

"Os atuais protestos, inspirados nos protestos americanos, são o reflexo de anos de apagamento político e marginalização. O que fica é a reflexão sobre até quando a luta contra o racismo e suas mazelas irão existir no Brasil e se um dia, de fato, poderemos viver sem medo", completa.

## DEBATE RACIAL

**Professor Wanderson Cleiton do Carmo**



Para o professor, doutor em educação, jornalista e psicanalista clínico, Wanderson Cleiton do Carmo, o debate racial nunca deixou de ser evidenciado nos Estados Unidos, e o que ecoa das ruas americanas para o mundo não é novidade. "Todo esse movimento que teve o poder de chamar atenção em meio a pandemia mortífera que assombra o mundo, somente demonstra a nova perspectiva da sociedade, onde não cabe mais rotulações, discriminações e preconceitos. O que espanta é a passividade da 'maioria' negra e 'parda' que se omite de direitos e espaços por século no Brasil", diz.

Conforme lembra o professor, a palavra negro sempre esteve vinculada a negatividade das coisas e fatos. "A exemplo: ovelha negra, passado negro, lista negra, etc. Desde muito criança tive esta percepção, mesmo pertencendo a uma família multirracializada. A educação sempre foi base estrutural e a diferença et-



Movimento "Vidas Negras Importam" e lema "Eu não consigo respirar" ganhou o mundo após morte do ex-segurança George Floyd por um policial branco nos EUA

nica racial nunca deixou de ser evidente em minha vida. Enfrentar o problema sem se vitimar, mas se capacitando intelectualmente sempre foi meu mecanismo de autodefesa, apesar de compreender que conhecimentos e titulações nunca seriam formas facilitadoras, pelo contrário, tudo sempre foi mais difícil, questionável e demorado. Ser negro e doutor ainda cria espanto nas pessoas", conta.

"O negro não precisa de privilégios, apenas de igualdade. Defender o discurso meritocrático é no mínimo uma ação covarde pelo mercado profissional, medir capacidades sem levar em consideração o histórico social do indivíduo não é ser justo, mas pesar com mãos fortes aos menos favorecidos, e isto ocorre desde a vergonhosa abolição, onde as reparações sociais e psicológicas não aconteceram até hoje. O racismo institucional está de forma velada no nosso cotidiano, passou da hora de falarmos, debatermos e buscarmos mudanças verdadeiramente significativas. Acreditado que os primeiros passos para efetivamente sairmos da 'escuridão' começou, espero que continue e alimento o sonho de dias melhores", acrescenta.

## (RE)DESCOBERTAS

**Estudante de Letras, Mariana Oliveira**



A estudante de Letras Mariana Aparecida Bárbara de Oliveira, conta que sua experiência com o racismo, apesar de ter acontecido em vários momentos ao longo de toda a sua vida, somente fez sentido aos 19 anos. "Foi um episódio marcante, no qual voltando da faculdade a noite acompanhada de um amigo também negro e fomos chamados de 'macacos' por um homem em uma bicicleta. Isso me fez parar para refletir nas semanas seguintes sobre as agressões explícitas ou veladas que eu havia sofrido por anos sem notar. Por possuir um tom de pele mais claro, eu nunca havia me identificado como negra, e sim parda, principalmente quando preenchia documentações", relata.

A estudante destaca que sempre teve noção da sua afrodescendência, facilmente identificável por traços físicos, mas não se reconhecia como pertencente à comunidade negra. "Este foi um fator determinante para que eu não percebesse que eu era mais uma vítima do preconceito enraizado pelo racismo estrutural. Tudo começou com o

meu cabelo, que alisei durante quatro anos, aguentando o processo doloroso de sentar por horas a fio na cadeira do salão de beleza, tendo meu couro cabeludo queimado por produtos químicos, para tentar ser aceita. Depois disso, era o nariz que eu achava feio, a boca grande demais. Quem sabe se eu fosse como as outras não seria considerada 'bonita'? Inconscientemente, eu assimilava e internalizava as micro agressões de colegas, amigos e demais pessoas, destruindo a minha autoestima em função do que era socialmente aceitável segundo a opinião alheia", acrescenta.

Conforme Mariana, "assim como muitas meninas e mulheres negras, eu cresci com uma referência do que é ser uma mulher negra no Brasil. Não só em relação à aparência, mas nas oportunidades que nos são negadas e nas dificuldades presentes em diferentes contextos de vivência em que nos encontramos. A experiência que a faculdade me proporcionou foi um ponto de virada na minha vida, pois passei a ter contato com pessoas como eu, que me educaram em direção à busca da minha identidade. Tive acesso a materiais de leitura, diálogos e reflexões que infelizmente aqueles que estão fora da bolha acadêmica não têm, uma vez que o conhecimento ainda é muito elitizado. Me alegro ver que, aos poucos, com as plataformas digitais e redes sociais, novas vozes têm conquistado espaço, e pensadores contemporâneos têm atingido grupos que antes eram ignorados, levando os questionamentos sociais para a massa, democratizando conceitos que precisam ser discutidos e praticados que precisam ser combatidos com urgência em nosso país".

## RACISMO VELADO

**Jornalista Roberto Nogueira**



O jornalista Roberto Nogueira, narra que desde os tempos de criança acompanhava esta situação referente ao racismo e diferenciações das pessoas por conta de classe social, religião ou cor da pele. "Nunca passei por uma situação constrangedora, mas é sabido que existe um certo preconceito velado por parte de algumas pessoas e não podemos generalizar. Quanto a esta repercussão toda com manifestações elas acontecem de tempos em tempos e por vezes ganham força dada a crueldade como foi este caso nos Estados Unidos. Mas não se pode esquecer que aqui no Brasil, existem casos como da Marielle, recentemente do menino João Pedro e tantas outras situações de vítimas de preconceito, de discriminação. Bom seria se nada disso existisse, não fossem necessários protestos, manifestações para que haja igualdade racial, cultural ou de outras formas de ser e existir. Insisto que é preciso se dar o valor e ao mesmo tempo cobrar, gritar e manifestar enquanto houver pessoas sendo tratadas com menos valor por ser negro, ser pobre ou por qualquer tipo de preconceito".

## EDUCAÇÃO E RACISMO

**Publicitária Maria Paula Fernandes Ribeiro**



A publicitária Maria Paula Fernandes Ribeiro, que nasceu e viveu parte de sua vida em Machado, interior de Minas Gerais, conta que não consegue se lembrar de sua primeira experiência com o racismo, mas destaca que grande parte foi durante a sua infância, época que se recorda da perseguição de professora ao bullying feito por outras crianças. "Quando eu era criança não entendia o porquê do meu pai fazer tanta questão em nos manter 'bem arumadas' e gastar o que podia

com o nosso material escolar. Hoje eu entendo. Sempre gostei de estudar, me empolgava com tudo o que aprendia, o incentivo e o apoio dos meus pais foram extremamente importantes para mim".

Maria recorda de um episódio que a marcou bastante, aos 13 anos: "foi após uma conhecida da minha mãe, uma educadora, nos encontrar no caminho vindo da casa onde minha mãe trabalhava na época. Ouvi a seguinte frase: 'ah, ela foi junto para aprender com a mãe'. Não consigo me lembrar do resto, mas lembro da minha mãe me olhar depois com os olhos vermelhos e me dizer que eu iria estudar, que ela não queria essa vida pra mim. Tenho muito orgulho da minha mãe e respeito por essa profissão que me manteve por 4 anos em uma universidade e me proporcionou uma formação. Mas eu entendi o que ela queria me dizer nesse dia e toda vez que eu ouvia 'que a educação é a única coisa que eles não podem nos tirar', mas ainda questionam. Não é um conto sobre meritocracia e sim sobre o racismo estrutural, que nos coloca ou tenta nos colocar onde convém", destaca.

Conforme a publicitária, é muito importante os questionamentos e os debates levantados nos últimos dias pelo movimento "Black Lives Matter". "Todavia, preocupa-me alguns fatores, se posicionar e estar dispostos a dialogar são coisas ótimas, mas sabemos que vai além disso. Não é um fato isolado, o racismo acontece todos os dias: é quando se é preso por estar portando um pinho sol, ou ser confundida com um bandido pelo cabelo, é ser seguido dentro de um estabelecimento, ser olhado com espanto e desdém em uma entrevista de emprego, quando se é morto dentro de casa, quando sua palavra não vale. O Brasil é um país racista e o 'somos miscigenados' é uma desculpa que não cola mais, a suspeita tem cor, espero que esse debate dure para que saía uma conscientização de verdade e soluções concretas. Não basta se dizer antirracista, tem que agir como um".

## RACISMO DE CADA DIA

**A jornalista Geovana Vara Gonçalves**



A jornalista Geovana Vara Gonçalves, conta que sua construção de identidade enquanto mulher negra se deu no início da sua graduação na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG-Passos). "Tive uma construção de identidade tardia como grande parte das pessoas negras.

A partir daí, comecei a identificar palavras e ações racistas que eram dirigidas a mim desde que eu era criança, falas racistas que começavam na maioria das vezes em relação ao meu cabelo que por ser cacheado não se enquadrava no padrão de cabelo liso, e por isso eu ouvia frequentemente: 'por que você não alisa o seu cabelo, ficaria mais fácil e mais bonito', 'ah o seu cabelo só serve pra ficar muito bem amarrado', são falas duras como estas me seguiram até pouco antes da maioridade", recorda.

Entre outras falas, ela lembra que algumas foram direcionadas a sua cor. "Como você é uma morena bonita", 'ah, você não é negra, é moreninha'. Estes são apenas alguns relatos, porque todos os dias sofremos as mais diversas situações racistas", acrescenta.

Geovana lembra que estudo desenvolvido pela BBC Brasil aponta que a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil, vidas negras que são tomadas pelo racismo estrutural presente em nossa sociedade. "Os assassinatos de João Pedro de 14 anos, no Rio de Janeiro, e de George Floyd de 46 anos nos Estados Unidos, foram o gatilho para que nossa luta pelas vidas negras fosse ouvida. Todos os dias diversas vidas negras são tomadas pela violência policial e não chegam ao nosso conhecimento. Até quando a carne mais barata do mercado será a negra?", completa.

## Censo do IBGE reforça a desigualdade entre brancos e negros no País

Último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), evidenciou que a desigualdade racial no país ainda é muito marcante. Os dados apontaram que apesar da população brasileira ser majoritariamente composta de pretos ou pardos, e de o acesso às pessoas negras à Educação Superior ter aumentado, ainda é discrepante a diferença salarial e a ocupação de pessoas negras em cargos de liderança. Os estudos apontaram ainda que a violência atinge três vezes mais a população negra do que a população branca.

**EDUCAÇÃO**  
De acordo com os dados, entre a população preta ou parda de 18 a 24 anos que estudava, o percentual cursando ensino superior aumentou de 50,5% em 2016 para 55,6% em 2018, mas ainda ficou abaixo do percentual de brancos da mesma faixa etária (78,8%). Em relação à baixa escolaridade, neste mesmo período, o percentual de jovens de 18 a 24 anos pretos ou pardos com menos de 11 anos de estudo e que não frequentava a escola caiu 30,8% para 28,8%. Esse indicador era de 17,4% entre os brancos, em 2018.

Na população de jovens de 18 a 24 anos, frequentando ou não instituição de ensino, o percentual de brancos que frequentava ou já havia concluído o ensino superior (36,1%), era quase o dobro de jovens pretos ou pardos, (18,3%). Segundo os dados a taxa de ingresso no nível superior (percentual da população que concluiu ao menos o ensino médio e que entrou no ensino superior, independentemente de tê-lo concluído ou não) dos pretos ou pardos era de 35,4% e dos brancos, 53,2%.

Já em relação a conclusão do ensino médio por pessoas pretas ou pardas a taxa era de 61,8% e a dos brancos, 76,8%. Conforme o IBGE, embora as mulheres apresentem melhores indicadores educacionais que os homens de mesma cor ou raça, a taxa de conclusão do ensino médio dos homens brancos (72,0%) era maior que a das mulheres pretas ou pardas (67,6%). Entre os jovens de 18 a 24 anos com ensino médio completo que não estavam frequentando a escola por terem que trabalhar ou procurar trabalho, 61,8% eram pretos ou pardos.

**TRABALHO**  
De acordo com o IBGE, no mercado de trabalho os pretos ou pardos representavam 64,2% da população desocupada e 66,1% da população subutilizada. E, enquanto 34,6% dos trabalhadores brancos estavam em ocupações informais, entre os pretos ou pardos esse percentual era de 47,3%. O rendimento médio mensal das pessoas brancas ocupadas (R\$2.796) foi 73,9% superior ao da população preta ou parda (R\$1.608). Os brancos com nível superior completo ganhavam por hora 45% a mais do que os pretos ou pardos com o mesmo nível de instrução.

Os dados também evidenciaram que a desigualdade estava presente na distribuição de cargos gerenciais, somente 29,9% deles eram exercidos por pessoas pretas ou pardas. Em relação à distribuição de renda, os pretos ou pardos representavam 75,2% do grupo formado pelos 10% da população com os menores rendimentos e apenas 27,7% dos 10% da população com os maiores rendimentos.

**VIOLÊNCIA**  
O IBGE apontou ainda que pretos ou pardos têm 2,7 vezes mais chances de serem vítimas de homicídio do que brancos. A pesquisa apontou que a taxa de homicídios no Brasil, em 2017, foi 16,0% para brancos e 43,4% para pretos ou pardos. A série histórica revelou ainda que, enquanto a taxa manteve-se estável para os brancos, ela aumentou para os pretos ou pardos entre 2012 (37,2) e 2018 (43,4), o que representa cerca de 255 mil mortes por homicídio registradas no SIM em seis anos.

Em todos os grupos étnicos, a taxa de homicídios dos pretos ou pardos superou a dos brancos. A taxa de homicídios para pretos ou pardos de 15 a 29 anos chegou a 98,5 em 2017, contra 34,0 para brancos. Para os jovens pretos ou pardos do sexo masculino, a taxa foi 185,0%. Por fim, os dados apontaram ainda que mais da metade dos alunos pretos ou pardos estudavam em estabelecimentos localizados em área de risco em termos de violência.

**Bom Negócio é Aqui**

As melhores ofertas de Paraíso na palma da sua mão!

Acesse agora [paraíso.acissp.com.br](http://paraíso.acissp.com.br)